



B1

ISSN: 2595-1661

ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>

ISSN: 2595-1661

Revista JRG de
Estudos Acadêmicos

A importância da participação de acadêmicos de saúde na convivência com populações vulneráveis: acolhimento e compreensão cultural

The importance of the participation of health academics in living with vulnerable populations: Welcoming and cultural understanding



DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1065

ARK: 57118/JRG.v7i14.1065

Recebido: 08/04/2024 | Aceito: 12/05/2024 | Publicado *on-line*: 15/05/2024

Yasmin Catelan Mainardes¹

<https://orcid.org/0000-0002-5934-6730>

<http://lattes.cnpq.br/9564015412582514>

Unicesumar, PR, Brasil

E-mail: yasmin.catelan.mainardes@gmail.com

Mateus Sendeski²

<https://orcid.org/0009-0003-0904-3517>

<http://lattes.cnpq.br/3801665156175747>

Unicesumar, PR, Brasil

E-mail: mateus_sendeski@hotmail.com

Larissa Rafaela do Prado Carvalho³

<https://orcid.org/0000-0002-5060-2873>

<http://lattes.cnpq.br/1403330955790658>

Unicesumar, PR, Brasil

E-mail: larissarpc3@gmail.com

Adriano Gregório Queiroz Ito⁴

<https://orcid.org/0009-0004-7151-2991>

<http://lattes.cnpq.br/4666584926365149>

Unicesumar, PR, Brasil

E-mail: adrianoqueiroz.q.i@gmail.com

Veridiana Catelan Mainardes⁵

<https://orcid.org/0000-0002-5384-5600>

<http://lattes.cnpq.br/5439772192268065>

Unicesumar, PR, Brasil

E-mail: veridianacatelan@gmail.com

Isabella Sendeski⁶

<https://orcid.org/0000-0001-7191-7586>

<http://lattes.cnpq.br/0354094155701927>

Unicesumar, PR, Brasil

E-mail: isabellasdki@gmail.com

Marcia Cristina de Souza Lara-kamei⁷

<https://orcid.org/0000-0003-3954-4868>

<http://lattes.cnpq.br/2531311925087366>

Unicesumar, PR, Brasil

E-mail: marcia.kamei@docentes.unicesumar.edu.br

Sandra Cristina Catelan-Mainardes⁸

<https://orcid.org/0000-0003-4764-8923>

<http://lattes.cnpq.br/6327738270211838>

Unicesumar, PR, Brasil

E-mail: Sandra.mainardes@docentes.unicesumar.edu.br

Resumo

Objetivo: Relatar a experiência de estudantes de medicina da Universidade Cesumar ao apoiar populações indígenas em vulnerabilidade social em Maringá. Inclui discussões sobre saúde, acolhimento social, doações e criação de vínculos interculturais para futuros projetos. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de modalidade aplicada e exploratória do tipo Relato de Experiência, com visitas mensais às casas de acolhimento, com rodas de conversa e palestras, associadas a realização de doações, visando abordar as necessidades sociais e de saúde da população em questão. **Resultados:** O projeto começou com reuniões entre os proponentes do projeto na Universidade Cesumar a fim de entender as necessidades e doenças prevalentes na comunidade indígena, para assim propor ações relevantes. Posteriormente, realizaram-se rodas de conversa e palestras na Associação

¹ Graduanda em Medicina pela Universidade Unicesumar, Paraná

² Graduando em Medicina pela Universidade Unicesumar, Paraná

³ Graduanda em Medicina pela Universidade Unicesumar, Paraná

⁴ Graduando em Medicina pela Universidade Unicesumar, Paraná

⁵ Graduada em Medicina pela Universidade Unicesumar, Paraná

⁶ Graduada em Medicina pela Universidade Unicesumar, Paraná

⁷ Graduada em Biologia, Doutora em Biologia Celular

⁸ Graduada em Farmácia, Mestre em Biologia Celular

Indigenistas de Maringá (ASSINDI), abordando não só questões de saúde mas também temáticas voltadas a carências sociais. Conhecemos a produção e a exposição de artesanatos produzidos pelos habitantes da associação. Ainda, foram realizadas doações de alimentos, roupas e brinquedos. **Conclusão:** Foi evidenciada a necessidade da interculturalidade na saúde indígena, enfatizando o respeito às práticas culturais. A troca de conhecimento foi enriquecedora e a experiência foi fundamental para a formação dos estudantes. Despertou sensibilidade, consciência crítica e ações de promoção de saúde visando a qualidade de vida desta população.

Palavras-chave: Saúde de Populações Indígenas. Cultura Indígena. Povos Indígenas.

Abstract

Objective: *To report the experience of medical students from Cesumar University in supporting socially vulnerable indigenous populations in Maringá. It includes discussions on health, social support, donations, and building intercultural bonds for future projects.* **Methodology:** *This is an applied and exploratory study of the Experience Report type, with monthly visits to shelters, group discussions, and donations to address health and social needs.* **Results:** *The project began with meetings at Cesumar University to understand the needs and prevalent diseases in the indigenous community. Subsequently, discussions were held at the Maringá Indigenous Association, addressing not only health but also social needs. The knowledge exchange was enriching, including the exhibition of indigenous crafts.* **Conclusion:** *The need for interculturality in indigenous health was highlighted, emphasizing respect for cultural practices. The experience was crucial for the students' development, fostering sensitivity and critical awareness.*

Keywords: *Health of Indigenous Peoples. Indigenous Culture. Indigenous Peoples.*

1. Introdução

A partir da Constituição Federal de 1988, com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) a saúde dos povos indígenas tornou-se pauta na agenda de saúde pública brasileira. Em 2000 criou-se a Política Nacional de Atenção à Saúde dos povos Indígenas (PNASPI), o qual enfatiza a importância da abordagem biopsicossocial, abertura das instâncias formais de controle e participação social dos povos indígenas, promovendo acesso universal e igualitário de saúde (SANTOS, et al, 2022).

Essa política reconhece a importância de práticas tradicionais mantidas por séculos entre esses povos, buscando integrar aos novos conhecimentos da medicina convencional. No entanto, apesar dos avanços proporcionados pela PNASPI, ainda existem muitos desafios a serem superados para a garantia de uma saúde constitucional (FERREIRA, et al 2021).

As boas práticas em saúde incluem valores, preceitos éticos e ambientais, levando em consideração as particularidades culturais dentre as etnias, as crenças e evidências científicas particulares. A interculturalidade emerge como um fenômeno contemporâneo e indispensável no âmbito da promoção em saúde (FERREIRA, et al 2021).

Essa população é considerada vulnerável aos olhos da atenção básica. O termo vulnerabilidade, quando relacionado à saúde, é indicado para identificar pessoas com problemas ou danos de saúde, em diversos meios de análise. As barreiras geográficas e de acesso, as desigualdades sociais e econômicas com falta

de infraestrutura básica, a dificuldade de comunicação interpessoal, além de uma vulnerabilidade de doenças específicas, fazem parte do rol de vulnerabilidades enfrentadas pela população indígena e afetam negativamente o acesso e qualidade de serviços de saúde (LAMBERT, 2022).

Segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado em 2010, o Brasil abriga 817 mil pessoas autodeclaradas indígenas distribuídas em todo território nacional. Na região Sul do país há 11,6% residentes de diversas etnias, destacando-se a Guarani, Kaiowá e Kaingang (IBGE, 2010). Os Kaingang representam 4,6%, sendo que, destes, 69% estão concentrados no estado do Paraná. A maioria desses são assistidos pela Associação Indigenista (ASSINDI) e pela Casa do Índio, ambas localizadas na cidade de Maringá, Paraná (ASSINDI, IBGE, 2012).

A população em questão pertence à etnia Kaingang, originária da Terra Indígena Ivaí, localizada no município de Manoel Ribas, o qual deslocam-se ativamente para a cidade de Maringá para venda de artesanatos, principal fonte de subsistência. Recebem apoios básicos pela Casa do Índio e na Assindi com um acolhimento limitado, porém carecem de informações básicas de prevenção de doenças e tratamento de comorbidades, bem como recursos materiais (ASSINDI, 2012).

Essa vulnerabilidade vivenciada ao se deslocarem de suas terras para grandes centros urbanos, afetam expressivamente a taxa de mortalidade dessa população. Somado a isso, a marginalização de grandes centros e as desigualdades vivenciadas, faz com que ao se sentirem desprezados do convívio social, optam pelo desenvolvimento de práticas nocivas à saúde, como o consumo excessivo de álcool e tabaco, além do não tratamento adequado de diversas patologias adquiridas nas comunidades (SANTOS, et al 2022).

Dessa forma, o objetivo desse projeto é relatar a experiência de acadêmicos de medicina da Universidade Cesumar, por meio de um amparo das populações indígenas em situação de vulnerabilidade social residentes no município de Maringá. Foi desenvolvido por meio de discussões sobre temas de interesse na saúde, pelo acolhimento social através de rodas de conversas, doação de itens necessários à sobrevivência, bem como o estabelecimento de um vínculo intercultural necessário para fomentar novos projetos nesse ramo.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo de modalidade aplicada e exploratória do tipo Relato de Experiência. É considerado de grande importância no meio acadêmico e de produção científica, uma vez que insere os alunos em locais não usuais de ensino para que, através de experiências consideradas únicas, possam aprender por meio de análises diretas de impactos sociais e de transformação pessoal e profissional.

O projeto contou com a participação de um grupo de alunos que atenderam em média 300 indígenas durante o período de julho de 2022 até dezembro de 2023.

Em um primeiro momento foi realizado o reconhecimento da população indígena na casa de acolhimento de povos, promoção da cultura Kaingang e humanização da qualidade de vida - em Maringá, Paraná. As visitas na ASSINDI foram realizadas mensalmente por um grupo de estudantes, durante o período de julho de 2022 até dezembro de 2023. A partir desse processo e por meio de rodas de conversa, identificou-se as necessidades pessoais e o estilo de vida dessa comunidade. Após esse processo, diante das fragilidades apresentadas, houve a preparação e apresentação de palestras dedicadas à orientação de temas em saúde,

como doenças exantemáticas mais prevalentes, higiene pessoal, planejamento familiar e alimentação.

Somado a isso, houve encontros semestrais com ações sociais voltadas para doação de recursos materiais buscados por meio de promoções na universidade, a fim de contribuir com a permanência de cuidado dos povos indígenas que receberam roupa, calçado e alimentos.

3. Resultados

Nesse espaço será descrito como foi a experiência de cada participante dessa intervenção, a qual buscou não só levar informação para essa população vulnerável, mas também auxiliar em questões de saúde básica.

Assim, o projeto se iniciou em reuniões na Universidade Cesumar, a fim de discutir e compreender a realidade desse grupo de pessoas, assim como as principais doenças presentes na comunidade, as quais eles sofriam as consequências, porém não tinham conhecimento de como identificar e buscar ajuda com o tratamento. Com isso, foram escolhidos alguns temas específicos, sendo eles: doenças exantemáticas mais prevalentes, dermatofitoses, higiene pessoal, planejamento familiar e alimentação (anexo 1)

Anexo 1: sobre doenças de pele ministrada na Assindi.



Fonte: autoral, 2024

O ponto de encontro escolhido foi a Associação Indigenista de Maringá, localizada em Maringá (Rodovia BR-376 (Saída para Paranavaí), nº 11460), uma vez que essa instituição serve como conexão entre a cidade e a aldeia do povo indígena em específico; além de ser um lugar de abrigo, apoio e auxílio, há também um espaço para a exposição da cultura deles, como seus artesanatos.

Ao lado desse local há um grande espaço que foi designado para acontecer nossas reuniões e rodas de conversa, as quais visavam abordar os problemas enfrentados pelas comunidades indígenas, não só os que envolviam temas de saúde, mas também as necessidades da população. Nesse local, a equipe buscava entender e buscar ideias para superar tais dificuldades e prestar a assistência necessária (Anexo 2).

Sendo assim, buscou-se entender a realidade que esse grupo vivencia e, com isso elaborar, estratégias para aprimorar a qualidade de vida dos grupos familiares.

Anexo 2: Área destinada as reuniões com os grupos indígenas



Fonte: Autoral, 2024.

Vale ressaltar sobre os artesanatos produzidos nessa aldeia e apresentados na ASSINDI, sendo toda a matéria prima proveniente da floresta e os índios, com muita técnica e criatividade, criam seus produtos de forma inteiramente manual; todos eles foram apresentados para a equipe de estudantes, com demonstrações sobre como eram usados, como foram montados e seus detalhes quanto às cores escolhidas, o tipo de vegetal, pinturas nas lanças, o estilo de trançado de cada objeto, como colares, braceletes, caixas, bolsas, etc. Além disso, explicaram sobre a escolha

das penas dos cocares e seu significado, destacando as características únicas de cada item.

Em uma das ações realizadas pelo grupo, a roda de conversa e palestras sobre a dermatomicose foi uma das mais enriquecedoras, pois havia muitas pessoas afetadas com tal doença dermatológica, mas sem o diagnóstico feito e muito menos com o tratamento estabelecido; poder contribuir positivamente em prol da qualidade de vida desse povo, que por muitas vezes é esquecido pela população geral, é uma das metas do projeto.

Logo após esse momento, os estudantes foram convidados a criar mais debates com essa população, abordando diferentes doenças, considerando a priori as mais comuns nessa comunidade. Essa troca de conhecimento se revela de extrema riqueza, pois se configura como um encontro de saberes: os estudantes contribuem com conhecimentos científicos, enquanto a comunidade indígena compartilha seus hábitos, crenças, artesanatos e simbolismos, tecendo um mosaico de aprendizado mútuo.

Por fim, houve diversos projetos realizados, como doações de brinquedos e execução de culinária com objetivo de aproximação com a cultura indígena (Anexo 3 e 4).

Anexo 3: doação de brinquedos para as crianças do projeto.



Fonte: Autoral, 2024

Anexo 4: Produção de pizzas para comemoração da festa de aniversário mensal dos grupos indígenas na Assindi.



Fonte: autoral, 2024

4. Discussão

Sobre o povo Kaingang, disperso pelos estados do Sul e São Paulo, seu tronco linguístico teve origem do Macro-Jê, junto com diferentes povos que se fundiram durante esses longos anos. A história desse povo foi marcada por muita luta pelas suas terras, ao longo do crescimento do estado as terras desses povos foram diminuindo e a miscigenação entre não índios com indígenas também houve um aumento. Em meio a essas circunstâncias, de embates e invasões, o povo Kaingang continua lutando pelos seus espaços (AYRES ,2023), mas a sua cultura permanece viva nas aldeias próximas de Maringá.

Foi de extrema importância a criação da PNASPI em 2000, pois isso representou um avanço significativo na promoção da saúde dos povos indígenas. Pois esse povo necessita de uma abordagem biopsicossocial e de um lugar de fala para expressar suas necessidades e seus problemas, que atualmente são ainda mais complexos, uma vez que o grande crescimento demográfico das cidades e a expansão da agricultura causou consequências em vários aspectos da vida desse povo, não só territorial, mas também na sua perpetuação do estilo de vida e suas culturas.

A implementação dessa Política pública encontra muitos desafios, desafios significativos a serem superados, como as barreiras geográficas e de acesso, as desigualdades sociais e econômicas, a falta de infraestrutura básica e as dificuldades de comunicação interpessoal; mesmo que já houve um avanço considerável, ainda a muito o que ser feito afim de mudar a realidade desses povos, hoje em vulnerabilidade social.

A população indígena é considerada vulnerável devido a uma série de fatores, tais como difícil acesso à atenção primária, falta de informação de doenças exantemáticas, dermatofitoses e aqueles mais comuns no território, respeitando a epidemiologia do lugar, difícil compreensão linguística, falta de ações de saúde que

vão até a aldeia, bem como vulnerabilidades específicas relacionadas a condições de moradia e alimentação. Foi observado que por falta de uma atenção básica, as doenças não são diagnosticadas e tratadas, com isso as complicações de doenças que são amplamente conhecidas, se tornam presentes. Esse grupo de índios citados ficam por curtos períodos nas casas de apoio na cidade, sendo difícil criar laços para a realização de um acompanhamento de saúde longitudinal, justificando assim a importância de visitá-los em suas aldeias. (GARNELO,2012)

Além disso, o deslocamento das comunidades indígenas para grandes centros urbanos pode aumentar sua vulnerabilidade social e de saúde, levando a práticas nocivas como o consumo excessivo de álcool e tabaco e a falta de tratamento adequado para condições de saúde. Afinal, não há uma abordagem adequada para receber esses indígenas na sociedade, visando os mal hábitos presentes na sociedade urbana.

Consequentemente, ressalta-se a importância da educação em saúde em povos indígenas, pois desempenha um papel crucial no empoderamento de tais comunidades para cuidarem de sua própria saúde. Isso inclui programas de educação em higiene, nutrição, prevenção de doenças e autogestão de condições crônicas (UMAEFULAM; PREMKUMAR; KOOLE, 2022). Ao fornecer suporte e informações culturalmente apropriadas, a educação em saúde pode ajudar a enfrentar as necessidades e desafios de saúde enfrentados pelos povos indígenas. Ela pode auxiliar na prevenção de complicações e morbidade associadas a condições crônicas. Estudos tem demonstrado que intervenções de saúde móvel, como mensagens de texto e aplicativos móveis, têm se mostrado eficazes na entrega de educação em saúde para comunidades indígenas (UMAEFULAM; PREMKUMAR; KOOLE, 2022). Porém, o envolvimento significativo dos usuários é necessário para garantir que as intervenções sejam adequadas e relevantes. As línguas indígenas, o conteúdo das mensagens, a frequência e os formatos de entrega são considerações importantes ao usar a saúde móvel como ferramenta para educação em saúde entre os povos indígenas (LOWELL; MAYPILAMA; GUNDJARRANBUY, 2020). Além de que abordagens culturalmente responsivas, lideradas por educadores comunitários, são cruciais para melhorar a alfabetização em saúde e possibilitar decisões informadas na prevenção e gerenciamento de condições crônicas (SARMIENTO *et al.*, 2021).

Ademais, evidencia-se a necessidade de abordagens interculturais na prestação de cuidados de saúde em indígenas, sendo essas cruciais para a fornecer assistência médica devida. Isso envolve reconhecer e respeitar suas crenças e práticas culturais, além de envolvê-las ativamente no desenvolvimento e implementação de políticas e programas de saúde. Isso é importante por várias razões, como especialistas culturais, que desempenham um papel fundamental em iniciativas de promoção da saúde culturalmente responsivas, criando um ambiente de aprendizado seguro e de apoio que promove objetivos de saúde e culturais (A LOOK *et al.*, 2023). Além disso, em um estudo em Manaus, foi visto que uma abordagem conjunta e bicultural para o tratamento de picadas de serpentes na Amazônia brasileira foi recomendada por profissionais de saúde, destacando a importância de incorporar perspectivas e preferências indígenas (MURTA *et al.*, 2023). Do mesmo modo, o uso de intérpretes e treinamento em competência cultural em ambientes de saúde melhora os resultados dos pacientes que falam idiomas minoritários, abordando barreiras linguísticas e tratamento desigual (HANSEN; CHARLES, 2022).

Para futuras políticas e práticas na saúde de indígenas recomenda-se a incorporação de abordagens culturalmente sensíveis na prestação de serviços de

saúde, fortalecimento do sistema de saúde indígena com financiamento adequado e recursos humanos qualificados, aumento do financiamento para programas de saúde indígena e promoção da contratação e capacitação de profissionais de saúde para indígenas. Além disso, é essencial desenvolver estratégias de saúde culturalmente sensíveis lideradas pela comunidade e fomentar a pesquisa participativa em saúde, envolvendo ativamente as comunidades indígenas na identificação de prioridades e na interpretação dos resultados. Essas medidas são fundamentais para melhorar o acesso à saúde e o bem-estar das populações indígenas.

5. Considerações Finais

Esse estudo demonstra a importância da interculturalidade na prestação de cuidados de saúde. Ao reconhecer e respeitar as práticas e crenças culturais dos povos indígenas, bem como envolvê-los ativamente no desenvolvimento e implementação de políticas e programas de saúde, é possível fornecer uma assistência médica mais adequada e eficaz.

Porém ainda é evidente o descaso com a saúde dos povos indígenas por parte das autoridades, sendo necessário uma maior qualificação a assistência à saúde para esses povos

Por fim, tal experiência foi de extrema importância na formação dos estudantes envolvidos no estudo, abrangendo um olhar sensível e contextualizado sobre as complexidades da saúde indígena. Além de contribuir para a construção de uma consciência crítica em relação às disparidades de acesso e qualidade nos serviços de saúde, proporcionou uma oportunidade única de intercâmbio cultural e aprendizado mútuo.

Referências

A LOOK, Mele *et al.* Developing culturally-responsive health promotion: insights from cultural experts. **Health Promotion International**, Honolulu, v. 38, n. 2, p. 1-9, 1 abr. 2023. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/heapro/daad022>.

Ariadne Dall'acqua Ayres; Mercedes Montero Bartolome; Fernanda da Rocha Brando. **Etnologia dos kaingang e seus territórios no Estado do Paraná**. Guaju, Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. <https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/87377> DOI: 10.5380/guaju.v%vi%i.87377

ASSINDI. **Projetos**. 2015. Disponível em: <http://www.assindi.org.br/projetos.html>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

FERREIRA, A. C.; GUTJAHR, A. L. N.; BRAGA, C. E. de S. Overview of bibliographic production on indigenous health and environmental policies in Brazil. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 13, p. e477101321489, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i13.21489. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/21489>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

HANSEN, Jody; CHARLES, James A. Investigating the importance of interpreting services to improve patient care and access to health services for Aboriginal Australians, Indigenous global populations and minority language speakers. **The**

Translator, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 124-138, 18 nov. 2022. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13556509.2022.2137903>.

IBGE. Censo Demográfico – 2010: Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

IBGE. Censo Demográfico – 2010: Os indígenas no Censo Demográfico 2010 - primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

LAMBERT, Simon. Indigenous Societies and Disasters. **The Oxford Handbook of Indigenous Sociology**, v. 5, n. 8, p. 218-236, 14 fev. 2022. Oxford University Press. <http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/9780197528778.013.40>.

LOWELL, Anne; MAYPILAMA, Elaine Lăwurrpa; GUNDJARRANBUY, Rosemary. Finding a pathway and making it strong: learning from yolŭu about meaningful health education in a remote indigenous australian context. **Health Promotion Journal of Australia**, v. 32, n. 1, p. 166-178, 28 set. 2020. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/hpja.405>.

MURTA, Felipe *et al.* “Two Cultures in Favor of a Dying Patient”: experiences of health care professionals providing snakebite care to indigenous peoples in the brazilian amazon. **Toxins**, Manaus, v. 15, n. 3, p. 194-204, 3 mar. 2023. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/toxins15030194>.

SANTOS, Ricardo Ventura; WELCH, James R.; PONTES, Ana Lucia; GARNELO, Luiza; CARDOSO, Andrey Moreira; A COIMBRA JUNIOR, Carlos E. Health of Indigenous Peoples in Brazil: inequities and the uneven trajectory of public policies. **Oxford Research Encyclopedia of Global Public Health**, v. 2, n. 1, p. 90-112, 15 ago. 2022. Oxford University Press. <http://dx.doi.org/10.1093/acrefore/9780190632366.013.33>.

SARMIENTO, José Mauricio Hernández *et al.* PIRAGUAS MEDICINALES: una propuesta de educación en salud para comunidades indígenas colombianas. **Revista de Ciencias Sociales**, v. 5, n. 169, p. 105-122, 19 jan. 2021. Universidad de Costa Rica. <http://dx.doi.org/10.15517/rcs.v0i169.45487>.

UMAEFULAM, Valerie; PREMKUMAR, Kalyani; KOOLE, Marguerite. Perceptions on mobile health use for health education in an Indigenous population. **Digital Health**, Saskatoon, Canadá, v. 8, n. 10, p. 1-10, jan. 2022. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/20552076221092537>.

AYRES, Ariadne Dall'acqua; BARTOLOME, Mercedes Montero; DA ROCHA BRANDO, Fernanda. Etnologia dos Kaingang e seus territórios no estado do Paraná. **Guaju**, v. 9, p. 1-23, 2023. <http://dx.doi.org/10.5380/guaju.v9i0.87377>



GARNELO, Luiza; Luiza Garnelo; Ana Lúcia Pontes (Orgs.). **Saúde Indígena**: uma introdução ao tema. Brasília: MEC-SECADI, 2012. 280 p. il. Color. (Coleção Educação para Todos) ISBN 978-85- 7994-063-7. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/iciict/56690>